

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E TURISMO EM ITAPEMA - SC: Algumas considerações

Cesar Miranda MENDES¹

Francisco Antonio dos ANJOS²

RESUMO

O presente artigo apreende a evolução da cidade de Itapema - SC, em diferentes momentos: da colonização à emancipação; da emancipação à perda da autonomia; o monopólio do turismo na economia e do crescimento horizontal ao crescimento vertical. Tais momentos geraram a produção do espaço urbano em diferentes conjunturas e alguns agentes produtores, a saber: o Estado/governo, o Capital e o Turismo. Tais agentes (categorias) dão subsídios fundamentais no resgate da cidade e do urbano.

Palavras-chave: produção do espaço urbano, turismo, Itapema - SC

ABSTRACT

The present article captures the evolution of the city of Itapema - SC in different moments: from colonization to emancipation; from emancipation to loss of autonomy; the monopoly of tourism in the economy and horizontal and vertical growth. Such moments generated production of urban space in different situations and in some productive agents, namely: the State/government, Capital and Tourism. Such agents (categories) provide basic conditions for the study of the city and urban area.

Key-words: production of urban space, tourism, Itapema - SC.

INTRODUÇÃO

A produção do espaço urbano, pesquisado desde a década de 70 com muita intensidade, toma novas facetas a cada espaço e tempo em que seus agentes atuam. O espaço urbano é produção humana, e como

¹ Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração: Análise Regional e Ambiental, Linha de Pesquisa - Organização do Espaço Habitado, DGE / UEM. E-mail: cmmendes@uem.br

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

produto do trabalho humano, toma novas lógicas à medida que a sociedade se transforma, impondo ao espaço adaptações às novas realidades.

Itapema, município vizinho ao do Balneário Camboriú (um dos maiores centros turísticos catarinenses), apresenta um crescimento urbano acelerado desde a década de 70, intensificado nas décadas de 80 e 90. O espaço urbano de Itapema, nosso objeto, teve até o início da década de 60 um crescimento pouco expressivo (1962: 2.500 habitantes), mantendo suas atividades econômicas ligadas ao setor agropecuário e pesqueiro, ambos pouco desenvolvidos. Após a emancipação administrativa, em 1962, apresenta uma nova lógica de produção do espaço urbano, na qual as atividades econômicas ligadas ao turismo passam a comandar a economia. Em pouco mais de trinta anos de (re)produção, o espaço é produzido de forma muito diferente da dinâmica anterior e atinge, em 1991, uma população permanente de 11.000 habitantes.

O balneário de Itapema não se estabelece como um centro turístico (característica principal de seu limítrofe Balneário de Camboriú), mas como uma praia de apoio a este centro (ver mapa 1). Os agentes que atuam neste espaço não são locais, mas de outras áreas de Santa Catarina, de outros estados do Brasil e até de outros países (principalmente Argentina, Paraguai e Uruguai), caracterizando-se por um espaço produzido por agentes de fora do lugar.

Buscando apreender a problemática levantada, visa-se compreender como ocorreu o processo de produção do espaço urbano de Itapema entre 1962 e 1994, desde a emancipação administrativa até sua afirmação como balneário turístico. As pesquisas são dirigidas para um aprofundamento das relações entre as categorias Estado, Capital e Turismo como agentes na produção do espaço urbano. Neste contexto, analisa-se inicialmente a formação socioespacial do litoral centro-norte de Santa Catarina, que vai dar condições para o desenvolvimento do turismo, e o crescimento da atividade turística no Brasil, na sua relação com a industrialização e o processo de liberação do tempo livre, que proporcionaram ao litoral centro-norte catarinense uma demanda solvável de turistas. Após essas considerações, que visam dar sustentação à problemática levantada, busca-se compreender a produção do espaço urbano turístico de Itapema, com a identificação dos principais agentes, dos processos de expansão horizontal e vertical e das lógicas e contradições que norteiam o processo.

Como materialização do estudo usar-se-á o espaço do balneário de Itapema, com sua lógica espacial, suas relações socioeconômicas,

e suas dinâmicas geopolíticas, nas quais os referenciais empíricos serão levantados. Lançar-se-á mão de um referencial técnico que dê conta do objeto de estudo, com mapeamentos temáticos, análises estatísticas, aerofotointerpretação, entre outros meios.

DA COLONIZAÇÃO À EMANCIPAÇÃO

Para o entendimento das transformações ocorridas, torna-se necessário conhecer a lógica anterior que existia nesse espaço. Nesse sentido, far-se-á um breve resgate da dinâmica em que o espaço em questão era submetido.

O espaço litorâneo catarinense, na época colonial, fazia parte do projeto de colonização do governo português no Brasil meridional, que visava não somente o povoamento do território, mas também a instalação de bases político-militares (fortificações), e armações para as grandes produções pesqueiras (pesca da baleia), associadas à intermediação comercial portuguesa e vilas de povoamento onde se desenvolvia uma pequena produção mercantil de açorianos e madeirenses. (SILVA, 1992)

São essas vilas de povoamento, que davam sustentação ao domínio português na disputa da área com o Coroa Espanhola, que dão origem à vila de Santo Antônio de Lisboa ou Tapera (atual balneário de Itapema). Os povoadores destinados para esta região eram originários das ilhas dos Açores e da Madeira, protetorados portugueses no Atlântico Norte, que chegaram na sua maioria em meados do século XVIII e início do XIX. Esses imigrantes, pela sua história econômica de subsistência, continuaram no Brasil dedicando-se à pesca e à agricultura.

Os açorianos e madeirenses foram destinados primeiramente para Florianópolis e arredores, e depois espalharam-se pelo litoral da então província de Santa Catarina. Alguns desses foram assentados na sede do município de Porto Belo, localizada na extremidade sul da baía de mesmo nome. Com o tempo, distribuíram-se pela baía, concentrando-se nas áreas mais preservadas dos ataques possíveis de piratas espanhóis, holandeses e franceses, e com melhores perspectivas de trabalho e moradia.

Na sede do município instalou-se a maior parte da população. Outra concentração expressiva localizava-se na extremidade norte da baía, formando um povoado denominado de Canto da Praia. Esses dois locais foram escolhidos pela possibilidade de atracamento das embarcações de pequeno porte. A partir do povoado do Canto da Praia,

que podemos registrar como o ponto inicial do espaço que hoje compreende a cidade de Itapema, a formação socioespacial começa a delinear-se.

O núcleo inicial, denominado de Arraial de Santo Antônio de Lisboa (ou Tapera), centralizou uma pequena produção mercantil de produtos agropecuários e pesqueiros, na qual o excedente passou a ser comercializado.

Com um crescimento lento, o arraial toma foro de vila somente no início do século XX, sendo elevado à categoria de distrito em 1917, com o nome de Itapema. Na mesma década, a implantação de uma rodovia estadual que ligava as principais cidades do norte de Santa Catarina, (Joinville, Blumenau e Itajaí) com a capital (Florianópolis), foi um fato marcante para aquele espaço que se organizava. O espaço toma nova dinâmica, determinada pela rodovia. A rede viária, ainda incipiente, se organiza a partir da rodovia estadual, proporcionando o crescimento de núcleos na sua margem, como os de Sertãozinho, Canto da Praia e Bela Cruz. Outros núcleos ligam-se à rodovia por estradas vicinais, como as de Areal, Várzea, Taboleira, Sertão do Trombudo e Ilhota, que também conhecem um certo crescimento (Mapa 1).

MAPA 1



Entre 1920 e 1960, a formação espacial do distrito de Itapema pouco se altera, e sua economia mantém-se ligada à agropecuária de subsistência e à pesca artesanal.

DA EMANCIPAÇÃO À PERDA DA AUTONOMIA

O quadro de produção do espaço começa a ser alterado tendo em vista algumas transformações significativas. Primeiro, a instalação do município em 1962¹; em seguida, a conclusão da rodovia BR 101² em 1969, fazendo a ligação com as áreas mais dinâmicas do país; e em 1971, a instalação do complexo hoteleiro da rede nacional de hotéis Plaza, com origem no Rio Grande do Sul³. Com essas mudanças, o espaço sofre significativas alterações. Investidores / especuladores imobiliários das áreas economicamente dinâmicas do Brasil e do exterior investem maciçamente em função do crescimento do turismo nas áreas vizinhas, mantendo uma expectativa de alta lucratividade.

Os interesses globais suplantam os locais, definindo uma produção do solo muito particular. O lugar é produzido por agentes de fora do lugar, especialmente especuladores imobiliários. O espaço passa de uma pacata vila de pescadores e agricultores, essencialmente agrário, para uma área altamente urbanizada, em pouco menos de duas décadas (Mapa 2, Tabela 1 e Gráfico 1).

O capital dos investidores externos dá uma nova dinâmica e utilização do solo. O solo sofre um processo de valorização, mesmo sendo um bem sem valor. (TOPALOV, 1984) Este valoriza-se porque há propriedade da terra, pois supõe-se que certas pessoas têm o monopólio de dispor de determinadas porções do globo terrestre como esferas produtivas de sua vontade particular. (MARX, 1991) A valorização monopolista dá base à produção capitalista. A monopolização do acesso a um bem necessário à produção é condição fundamental para se estabelecer a valorização da terra. O "valor" da propriedade imobiliária constitui-se na renda que ela proporciona, capitalizada a determinada taxa de juros, sendo fundamental a condição de monopolização. (LOW-BEER, 1983)

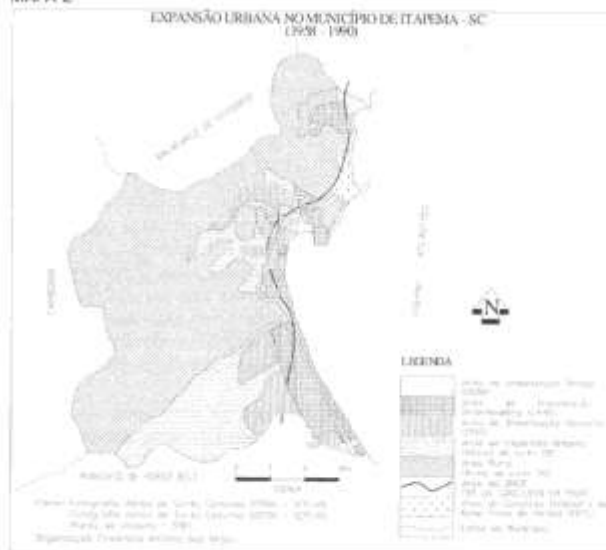
¹ Em abril de 1962, o então distrito de Itapema ganha autonomia de Porto Belo.

² Principal acesso da Região Sul às demais regiões do país, possuindo trechos no litoral catarinense, foi concluída em 1969.

³ O complexo hoteleiro é instalado entre a BR 101 e a praia, no trecho entre Itapema e Balneário de Itapema.

Com a condição de valorização, o solo urbano proporciona uma renda. A renda fundiária não advém das construções e das benfeitorias que sobre o solo incidem, mas de sua localização. Construções e infraestrutura do mesmo padrão, em solos com localizações diferentes, apresentam valores diferentes.

MAPA 2

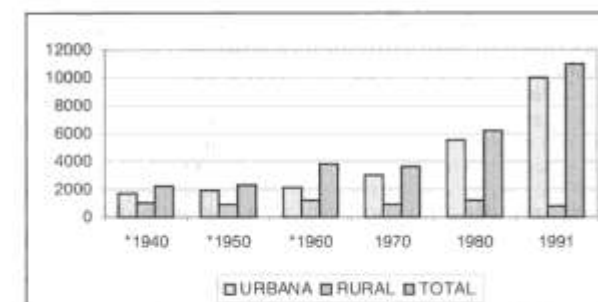
TABELA 1 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITAPEMA - SC
(1940 - 1991)

Ano	Pop. Urbana	Taxa de Crescimento	Pop. Rural	Taxa de Crescimento	Total da População	Taxa de Crescimento
1940*	1408		981		2408	
1950*	1713	20,0%	921	-6,1%	2634	8,9%
1960*	2236	30,0%	1249	35,6%	3487	32,4%
1970	2791	24,7%	824	-26,0%	2936	-15,9%
1980	6277	86,1%	1312	42,0%	6569	124,5%
1991	8932	86,0%	816	-37,7%	10733	62,9%

FONTE: FIBGE - Censos Demográficos 1940/1950/1960/1970/1980/1991

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos

* Itapema até 1962 era distrito de Porto Belo

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ITAPEMA
(1940-1991)

FONTE: FIBGE - Censos Demográficos - 1940/1950/1960/1970/1980/1991

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos

* Itapema até 1962 era distrito de Porto Belo

A renda da terra tem natureza no processo de disputa pela propriedade privada do solo, a qual - por isso e só por isso - proporciona renda e, em consequência, é assemelhada ao capital. O capital imobiliário não entra no processo produtivo, na medida que o espaço é apenas uma condição necessária à realização de qualquer atividade, portanto também a de produção, mas não constitui em si, meio de produção, entendido como capital humano que o potencia. (SINGER,

1982, p. 21).

O denominado capital imobiliário é um falso capital, um valor que se valoriza, mesmo não tendo origem na produção. A origem desse falso capital, ou capital-terra, conforme MARX (1991), está na monopolização do acesso a uma condição indispensável para a atividade produtiva.

...a propriedade privada do solo significa o domínio de uma condição específica para a realização do processo de produção e circulação de mercadorias, cujo cerne é o lucro; então a renda da terra se constitui num superlucro a ser apropriada pelo proprietário da terra, mas significa para o capitalista produtor, ou arrendatário, uma subtração ao lucro de capitais investidos na terra para produzir. (LOW-BEER, 1983, p. 34).

Mesmo sendo um bem com valor relativo, o solo adquire preço (TOPALOV, 1984). A determinação desse preço é condicionada a alguns fatores, como a localização, qualidade para a construção e o mercado imobiliário.

A localização aparece como um fator determinante para o estabelecimento desse preço no espaço em estudo. De acordo com as áreas socialmente selecionadas, no caso as áreas próximas ao mar, os solos urbanos ganham um preço superior em relação as demais áreas. Na agregação de uma área por um especulador imobiliário, o preço aumenta quanto mais e melhor for servida a área por serviços e equipamentos urbanos, pois a sua ação visa o "superlucro". Para alcançar seus objetivos, lança mão de algumas ações como aguardar um certo tempo em função das perspectivas futuras de mudanças quanto à valorização da gleba em questão, e a aliança junto ao poder público através dos instrumentos de controle de parcelamento, uso e ocupação. A emancipação político-administrativa de Itapema aparece como um grande aliado dos investidores, pelos incentivos públicos estendidos ao investimento no município.

...o poder público também age como um especulador quando manipula o uso de uma área, tanto pela legislação, quanto por processos de renovação urbana, ou mesmo pela oferta de equipamentos e serviços, determinando um novo valor ao solo, superior aquele da intervenção. (LOW-BEER, 1982, p. 40).

O Estado/Governo tem um papel importante no processo de valorização do solo urbano, tanto pela criação de benfeitorias, quanto as normatizações estabelecidas.

Os investimentos, neste espaço, são muito expressivos a partir

do final da década de 60. Com a abertura de loteamentos, investimentos em infra-estrutura (rede de água, rede de energia elétrica, rede de telefonia e pavimentação de ruas), construção de hotéis e edifícios, entre outros, o espaço urbano de Itapema começa a se transformar rapidamente.

Os preços no mercado imobiliário tendem a ser determinados também pelo que a demanda estiver disposta a pagar, não seguindo a mesma lógica dos mercados de produtos do trabalho humano, em que os preços giram em torno da média constituída pela soma dos custos de produção e da margem de lucro média sobre o capital investido. Nesse mercado, a oferta do espaço não depende do preço corrente, mas de outras circunstâncias. (SINGER, 1982) A demanda é o principal fator que determina os preços finais do mercado imobiliário.

Os preços dos solos são determinados pela demanda, pela quantidade de dinheiro que se esteja disposto a pagar no mercado imobiliário pela terra urbana, em função da acessibilidade aos locais relevantes na cidade (local de trabalho, compras e lazer) e serviços de infra-estrutura". (SOUZA, 1994, p. 156)

Esse mercado caracteriza-se como essencialmente especulativo, sendo a especulação vista como ação que valoriza um terreno antes de ser usado. Como um mercado altamente lucrativo, os investimentos na terra constituem o caminho seguro para a preservação do capital acumulado e conseqüente ampliação do capital-dinheiro através da apropriação da renda fundiária. (OLIVEIRA, 1982)

Chega-se à essência da especulação imobiliária, o processo de apropriação da renda da terra. O espaço em análise é produzido de acordo com a lógica de seus principais agentes: os promotores imobiliários, as empresas da construção civil e o poder público. Dinâmicas muito parecidas vão se configurando nos demais municípios da Rota do Sol, pois como já referenciado, o crescimento teve origem em Balneário

* Durante a década de 80, são emancipados os municípios de Balneário Camboriú, Itapema, Perto e Pijarras, tornando-se todos municípios com base econômica no turismo.

Camboriú, afetando em especial os municípios, emancipados posteriormente (Tabela 2, Gráfico 2).

TABELA 2 - TAXAS DE POPULAÇÃO URBANA DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA, DO ESTADO DE SANTA CATARINA E DO BRASIL (1960 - 1991)

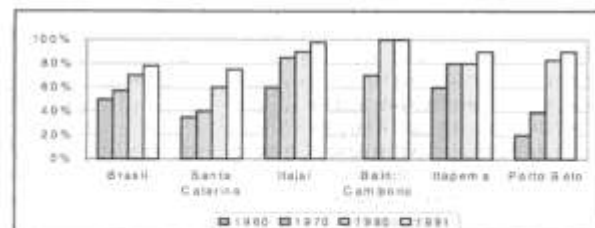
	1960	1970	1980	1991
Brasil	49,00%	55,00%	68,00%	74,10%
Santa Catarina	32,00%	42,90%	59,40%	70,70%
Itajaí	64,10%	85,80%	91,10%	95,80%
B. Camboriú	*	71,50%	98,70%	99,00%
Itapema	64,10%	79,90%	80,10%	92,40%
Porto Belo	18,70%	36,10%	84,80%	90,70%

FORNTE: Censos Demográficos - IBGE - 1960/1970/1980/1991

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos.

* Os dados de 1960 do Balneário Camboriú estão em conjunto com o município de Camboriú

GRÁFICO 2 - TAXAS DE POPULAÇÃO URBANA DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA, DO ESTADO DE SANTA CATARINA E DO BRASIL (1960 - 1991)



FORNTE: Censos Demográficos - IBGE - 1960/1970/1980/1991

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos.

* Os dados de 1960 do Balneário Camboriú estão em conjunto com o município de Camboriú

MONOPÓLIO DO TURISMO NA ECONOMIA

A dinâmica dos agentes produtores do espaço em Itapema é caracterizada pela monopolização da economia por meio da atividade turística. O turismo é uma atividade econômica recente, e suas consequências sobre o espaço em que se desenvolve são ainda pouco

conhecidas. Esta atividade aparece com o sistema capitalista de produção numa fase mais avançada, quando o lazer é institucionalizado.

"As revoluções industriais" ocorridas no mundo, a partir do final do século XVIII, trouxeram para a sociedade consequências marcantes como a divisão social do trabalho, o desenvolvimento tecnológico, a mudança na organização social, a acumulação do capital, a liberação do tempo livre, entre outras. Dentre estas, o incremento do tempo livre, conjugado à prosperidade material, à maior necessidade de descanso físico e mental e ao desabrochamento pessoal, tomam-se condições indispensáveis para a manutenção do lazer. (BACAL, 1987)

A valorização do lazer institucionaliza-se com a redução da jornada de trabalho, na semana de cinco ou seis dias, nas férias remuneradas e na aposentadoria por tempo de serviço, ou mesmo por idade, também remuneradas.

O desenvolvimento das forças produtivas e a correspondente divisão social e técnica do trabalho, concomitante ao movimento de organização dos trabalhadores reunidos em grande número num mesmo espaço de produção, e a redução paulatina do tempo dedicado ao trabalho, com o consequente aumento do tempo livre, deram-se de forma diferenciada por países, regiões e setores de atividades, chegando nas atuais configurações dos tempos livres diários, semanais e anuais, bem como as aposentadorias remuneradas. (FALCÃO, 1992) Essas transformações no campo social, político, econômico e tecnológico afetam progressivamente o desenvolvimento do turismo. (RABARY, 1990)

Por turismo, considera-se um complexo conjunto de atividades econômicas², que explora comercialmente o tempo ocioso destinado às atividades de lazer. Este conjunto de atividades

se desenvolve (...) como uma nova modalidade econômica, e uma forma de integração de lugares e regiões ao espaço da produção e do consumo capitalistas. O lugar constitui-se num recurso econômico através da intermediação dos serviços turísticos que propiciam as condições para a sua acessibilidade. (FALCÃO, 1982, p. 4)

Porém o turismo não é um fenômeno recente na história, havendo

² De acordo com as definições de RABARY, W. A. Planejamento do turismo estudos econômicos e fundamentos econômicos, São Paulo: Loyola, 1990 e de FALCÃO, J. A. G. Turismo internacional no Rio de Janeiro: mecanismo de circulação e transferência de renda. Rio de Janeiro, 1992. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

relatos da sua manifestação em épocas remotas, ligados principalmente aos interesses comerciais e às motivações religiosas e familiares.

Com o incremento das grandes navegações, a partir do século XVI, as viagens tornam-se mais numerosas, motivadas pela busca de lazer e/ou instrução (RABAHY, 1990). Nessa época, os grandes precursores eram escritores, literatos e jovens estudantes aristocratas, que assim completavam sua formação cultural e política (ARRILLAGA, 1976). O modelo aristocrático perdura até o final do século XIX, quando apenas as classes privilegiadas poderiam desfrutar desta possibilidade para descansar, curar enfermidades, instruir-se ou ver algo novo (RABAHY, 1990).

A partir do final do século XIX, principalmente nos países em estágio de desenvolvimento mais avançado do capitalismo, o fenômeno configura-se como típico da sociedade moderno-urbano-industrial (LINS, 1995), não apenas pela institucionalização do tempo livre, mas também pela evolução tecnológica nos setores de transporte e comunicações, e melhoria do poder aquisitivo de uma parcela cada vez mais expressiva da população. (FALCÃO, 1992)

Com a ferrovia, a rodovia, a telegrafia, a telefonia e finalmente a teleinformática, a redução de tempo permitiu instalar uma ponte entre os lugares distantes: doravante eles serão virtualmente aproximados. (DIAS, 1995, p. 141)

Nos NPIs (Novos Países Industrializados), o processo de industrialização tardia ocorre de forma bastante diferenciada dos países de industrialização clássica, ganhando dinâmicas próprias. (SPOSITO, 1994)

Na América do Sul, o Brasil e a Argentina pertencem ao grupo supra citado, e tiveram seu desenvolvimento industrial ligado aos capitais agrícolas, que dão início ao processo já no final do século passado.

No Brasil, ocorrem em épocas distintas "revoluções industriais", onde o principal eixo de industrialização organiza-se entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, com seu processo ligado diretamente à aliança indústria-café. Parece não haver dúvidas, após tantos debates em torno da questão café-indústria, que a economia integrada ao complexo da produção do café transferiu os seus recursos, financiando a industrialização. (BOSSLE, 1985)

Porém, de acordo com os cepalinos², o desenvolvimento da indústria brasileira sempre esteve ligado à substituição das exportações, pelas adversidades causadas pela Primeira Guerra Mundial, pela crise de 1929 e pela Segunda Guerra Mundial. (BOSSLE, 1985)

Os revisionistas³, ao contrário, consideram o desenvolvimento industrial brasileiro algo contínuo, e em relação às três fases assinaladas pelos cepalinos como positivas, consideram-nas prejudiciais ao desenvolvimento industrial, pois se fica à margem do comércio e desenvolvimento internacional. Considerando um ou outro grupo de autores, o fato é que a industrialização brasileira foi lenta, observando-se um retardamento em relação aos países de industrialização clássica. O processo de industrialização do Brasil não se restringe ao eixo Rio - São Paulo, mas se espalha por outras regiões do país. Na Região Sul, a gênese da industrialização está ligada aos artesãos-imigrantes que começaram a se instalar desde o século XIX. Tomando como exemplo o Rio Grande do Sul, verifica-se que:

O capital acumulado com a atividade comercial, ao lado de incrementar o crescimento urbano, foi o embrião de um setor secundário que ainda hoje se concentra na zona da capital e região 'colonial' circunvizinha. (COSTA, MOREIRA, 1993, p. 60)

A manutenção da ligação entre os imigrantes e o seu país de origem tornou-se condição indispensável para o aperfeiçoamento tecnológico do processo de industrialização que se instalava. O financiamento do processo tem origem em três vertentes: o capital agrícola, o comercial e o artesanal. (FURLANETTO, 1985)

A transformação da estrutura produtiva, levada a cabo a partir de meados do século XX no país, intensifica a atividade industrial do Sul, em especial nos eixos Porto Alegre-Caxias do Sul e Pelotas-Rio Grande, no Rio Grande do Sul, Joinville-Blumenau, em Santa Catarina e Curitiba-Ponta Grossa e Londrina-Maringá, no Paraná. (FURLANETTO, 1985)

Os eixos industriais sulinos não tiveram maior desenvolvimento, principalmente pelos planos nacionais de desenvolvimento - PNDs, implantados no país após 1964, que determinavam para a Região Sul, o desenvolvimento dos setores agrícola e pecuarista. No entanto, mesmo com pouco incentivo, o processo de industrialização, embora lento, foi contínuo, proporcionando a posição de segunda região em produção industrial no Brasil.

² Autores que divulgam e aprofundam o pensamento de Raúl Prebisch, pertencentes à chamada escola estruturalista, como Celso Furtado, um dos maiores expoentes.

³ Autores que se contrapõem às ideias dos cepalistas, tendo origem com Warren Dean.

Nestas circunstâncias, a consolidação do parque industrial, sobretudo, que ocorreu no Brasil e países vizinhos, determina o processo de liberação do tempo livre, com a institucionalização da semana de cinco ou seis dias e as férias anuais, que vão incentivar o lazer e o seu aproveitamento pela atividade turística de forma diferenciada em cada região.

No Centro-Sul, incluindo o eixo Rio - São Paulo e os eixos industriais sulinos, os processos citados ganharam significado a partir da década de 60, e se firmaram com o "milagre econômico brasileiro" da década de 70.

Normalmente quando se fala de tempo livre, refere-se diretamente ao processo de liberação pela indústria, para satisfazer uma necessidade física da sociedade moderno-urbano-industrial. No entanto, ocorre paralelo a este processo a modernização de áreas rurais, que opta por utilizar a denominação de espaços agrários, nos quais a mecanização da agricultura se faz realidade. (SANTOS, 1993)

Nos espaços agrários da Região Sul do Brasil a empresa rural, a agricultura comercial, a mecanização agrícola e a lavoura empresarial dominam a setor econômico.

A empresa rural encontra-se em franca expansão, o que se explica pela política econômica voltada para a exportação, visando a obtenção de capitais para suprir as importações de bens mais sofisticados, especialmente do sudeste. (COSTA; MOREIRA, 1993, p. 76-77)

O desenvolvimento da empresa rural sempre esteve ligado a um produto agrícola que vem atender ao mercado nacional e/ou internacional. Essa lavoura empresarial vem mantendo a força agrícola tanto no Sul do Brasil quanto no Sudeste e Centro-Oeste.

Essa modernização no espaço agrário traz a acumulação do capital e liberação de tempo livre para o lazer, principalmente na época de pós-colheita e entressafra para o trabalhador rural.

A liberação do tempo livre para a população, tanto no espaço urbano quanto no agrário, proporciona condições favoráveis para o desenvolvimento da atividade turística.

Nas condições já descritas a respeito da Rota do Sol, a população encontra nessa região boas condições para praticar o seu lazer e, em contrapartida, investidores, principalmente de outras regiões de Santa Catarina e de outros estados brasileiros, em especial da Região Sul,

também se dirigem para essa região para explorar o turismo. Esse processo de demanda de turistas e investidores tem origem no litoral norte e se espalha pelo restante do litoral catarinense.

Itapema começou a receber essa população de investidores e turistas com maior intensidade na década de 70, fato demonstrado pelo alto crescimento da população residente e pelo grande número de turistas que visitam o município.

O turismo que se instala é do tipo sazonal, pois pelas condições morfoclimáticas da região, com verões muito quentes e invernos com temperatura moderada, incentivou o denominado turismo de temporada, explorando o sol e o mar. Pela quantidade de visitantes na mesma época do ano, podemos considerá-lo um turismo massivo, sem seletividade de seus visitantes.

O quadro de um turismo sazonal e massivo de praias de verão constitui a característica do balneário de Itapema, desde a década de 70.

A década de 70 foi marcada pela construção da grande maioria dos hotéis, começando com o Hotel Plaza Itapema, de cinco estrelas, em 1971, pertencente a uma rede gaúcha de alto padrão. Na mesma década, os hotéis Village Itapema I e Village Itapema II, Hotel Balneário Presidente e Itaipu Turismo Hotel, com três estrelas, e os hotéis Beira-Mar e Savóia de duas estrelas. Como se pode observar, a rede hoteleira atendia às mais variadas classes de turistas. A distribuição dos turistas ocorreu conforme o seu padrão socioeconômico. Esse quadro começa a saturar-se no final da década de 70, abrindo espaço para as habitações de aluguel e residências secundárias.

A década de 70 ainda é marcada pelo grande número de abertura de loteamentos, por todo o perímetro urbano. Os lotes são adquiridos notadamente por pessoas de fora do lugar. O monopólio das atividades econômicas ligadas ao turismo apresenta uma característica muito marcante: o controle do setor por agentes externos.

DO CRESCIMENTO HORIZONTAL AO CRESCIMENTO VERTICAL

A importância de se entender os mecanismos que geraram e geram a renda fundiária e de que maneira atuaram e atuam os agentes especulativos são condições indispensáveis para se entender os efeitos do processo de produção do solo urbano que se apresentavam e apresentam e que promovem tanto uma expansão horizontal quanto uma

expansão vertical. Na medida em que os preços dos terrenos são altos em zonas bem supridas, torna-se mais rentável o adensamento máximo de área construída por lote, forçando assim uma verticalização crescente. (LOW-BEER, 1982) Com este último processo, o setor da construção civil, fortemente ligado à estratégia especulativa do mercado imobiliário e atrelado a fases de crescimento da economia geral, demonstra seu poder de agente produtor do espaço, com um aumento de 2140% entre os anos de 1981 e 1993 nas áreas construídas. (Tabela 3, Gráfico 3)

O setor turístico cria uma interdependência estrutural com outros setores da economia e seus efeitos principais têm sido observados sobre o setor da construção (BACAL, 1985), pois exige uma infra-estrutura muito expressiva para a manutenção da atividade.

Na década de 80, o incentivo à construção civil é muito expressivo. Com a busca de novas alternativas para o veraneio, o turista começa a alugar casas da população residente. Como a procura é muito expressiva, os setores da construção civil começam a construir habitações para locações durante os meses de verão ou residências secundárias. Vendendo ou alugando um imóvel no balneário, a renda obtida era financeiramente atrativa para a construção civil e para o mercado imobiliário, desencadeando um crescimento expressivo (Tabela 3 e Gráfico 3).

No final da década de 80, o quadro humano apresentava uma nítida dicotomia: durante nove meses, a população restringe-se apenas a 12 mil habitantes, com grande parte das residências desocupadas, e nos três meses de verão a população ultrapassa os cem mil habitantes, com a ocupação de todas as habitações disponíveis (Tabela 4, Gráfico 4). O fato gera deficiência nos bens de consumo coletivos como: as redes viária, de água, de energia elétrica, de telefonia e outros serviços públicos urbanos. O poder público, com pouco investimento na área, proporciona à cidade uma infra-estrutura urbana deficiente.

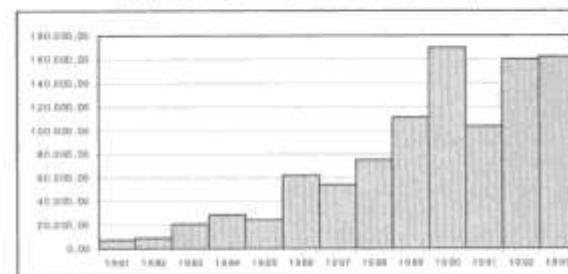
TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE ITAPEMA (EM m² DE ÁREA CONSTRUÍDA)

Ano	Área construída	Taxa de crescimento
1981	7.243,30	
1982	8.825,20	21,8%
1983	20.570,90	133,1%
1984	28.574,80	38,9%
1985	24.338,30	-14,8%
1986	61.742,10	153,7%
1987	53.972,30	-12,6%
1988	74.968,10	38,9%
1989	111.144,10	48,3%
1990	169.962,54	52,9%
1991	103.611,72	-39,0%
1992	160.139,05	54,8%
1993	162.287,73	1,3%
Total	987.380,14	2140,5%

FONTE: Prefeitura Municipal de Itapema - 1994, Secretaria de Planejamento e Obras.

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos

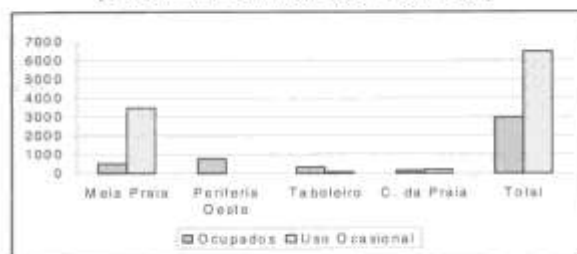
GRÁFICO 3 - EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE ITAPEMA (EM m² DE ÁREA CONSTRUÍDA)



FONTE: Prefeitura Municipal de Itapema - 1994, Secretaria de Planejamento e Obras.

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos

GRÁFICO 4 - USO DOS DOMICÍLIOS DA CIDADE DE ITAPEMA EM 1991
(POR BAIRROS - EM NÚMERO DE DOMICÍLIOS)



FONTE: FIBGE - Censo Demográfico - 1991.

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos.

* São considerados bairros da Periferia Oeste: Sertãozinho, Alto São Bento, Casa Branca e Várzea.

TABELA 4 - USO DOS DOMICÍLIOS DA CIDADE DE ITAPEMA EM 1991
(POR BAIRROS - EM NÚMERO DE DOMICÍLIOS)

BAIRROS*	OCUPADOS TOTAL	OCUPADOS % (do total do município)	USO TOTAL OCASIONAL (do total do município)	USO OCASIONAL % (do total do município)	TOTAL BARRO	% do total do município TOTAL
1-Meia Praia	501	5,3	3481	37,3	3982	42,3
2-Centro	578	6,1	2285	24,3	2863	30,2
3-Periferia Oeste	763	8,1	4	0,1	767	8,1
4-Lavadores Zeland	335	3,5	177	1,9	512	5,4
5-Tabelreiro	208	2,2	52	0,5	260	2,8
6-Microrio	236	2,5	325	3,4	561	5,9
7-Canto da Praia	144	1,5	198	2,1	342	3,6
8-Itapema	252	2,7	36	0,3	288	3,0
TOTAL	2992	31,5	6430	68,5	9422	100

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico - 1991.

ORGANIZAÇÃO: Francisco Antonio dos Anjos.

* São considerados bairros da Periferia Oeste: Sertãozinho, Alto São Bento, Casa Branca e Várzea.

Nos anos 90, os problemas não resolvidos se agravam, porque o índice de crescimento continua acelerado. Neste contexto de produção do espaço é que os agentes ligados a atividades turísticas se instalaram em Itapema. O espaço é construído para o consumo de uma maioria não-residente, ou seja, o capital regional e do exterior sobrepondo ao capital local.

O turismo atua nos espaços que são selecionados para sua efetivação, e apresentam características próprias. As áreas selecionadas são à beira-mar, com os preços dos solos mais elevados que em outras áreas. A limitação desses espaços privilegiados provocam a verticalização, construindo-se uma muralha que cerca a praia.

A economia do município depende integralmente das atividades ligadas ao setor turístico, fato que gerou e gera uma lógica na produção do espaço urbano. Com o crescimento das atividades turísticas e pelas condições de monopolização do solo urbano, as áreas mais valorizadas, ou seja, próximas ao mar, favorecem a verticalização.

As dinâmicas horizontais e verticais estão embricadas na produção do espaço urbano em estudo. Nas áreas de planície, a oeste da rodovia BR 101, que corta o município no sentido norte-sul, a cidade expande-se horizontalmente.

A verticalização vem ocorrendo nas áreas socialmente privilegiadas e economicamente mais lucrativas, no caso próximas ao mar, onde encontramos os bairros Meia Praia, Centro e Canto da Praia. Com a hegemonia das atividades turísticas na economia, como já referido, os principais agentes produtores do espaço urbano são os promotores imobiliários, as empresas da construção civil e o Estado/Governo.



FOTO: Francisco Antonio dos Anjos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de urbanização de Itapema é incontestável. Este processo de produção do espaço teve início com o projeto de colonização do governo português do litoral meridional do Brasil que, entre outros objetivos, visava:

o povoamento do território, como também a instalação de bases político-militares (fortificações), além do estabelecimento de uma pequena produção mercantil de açorianos e madeirenses, ao lado de uma grande produção manufatureira (armações), associada à intermediação comercial portuguesa. (SILVA, 1992, p. 24).

Sua organização socioespacial teve algumas especificidades como nos lembra SILVA (1992), já que, espacialmente, concentravam-se os pequenos agricultores nas encostas dos morros e seus suaves declives, e os pescadores, em maior número, à beira-mar.

A organização descrita acima perdurou por algumas décadas, mantendo um padrão econômico baseado na aliança pesca-agropecuária. A região permaneceu estagnada, sofrendo um recorte temporal na emancipação do município de Itapema em 21 de abril de 1962.

Os agentes produtores exploraram o espaço urbano de Itapema gerando significativas perspectivas de grande lucratividade desde a década de 60, com o desenvolvimento da atividade turística no limítrofe município de Balneário de Camboriú. A praia de Itapema é utilizada pelas pessoas que buscam um local de veraneio um pouco mais tranquilo e calmo, sem ao mesmo tempo perder o contato com boas infra-estruturas. (BACAL, 1985)

É por intermédio da ação dos promotores imobiliários e do Estado/Governo, principais produtores do espaço urbano, que se observou a produção do espaço urbano de Itapema. Considera-se, de acordo com CORRÊA (1993), que os promotores imobiliários são agentes que realizam parcial ou totalmente as operações de incorporação e financiamento, visando à compra do terreno, estudo técnico, construção do imóvel e a comercialização. O Estado/Governo age de forma complexa e variável, refletindo a dinâmica da sociedade. Comumente estes agentes trabalham juntos, buscando ajudar-se mutuamente e apresentando objetivos comuns. (CORRÊA, 1993)

O processo de industrialização e modernização da sociedade, em especial do Centro-Sul, veio influenciar na liberação do tempo livre, e no incremento do turismo no litoral catarinense, e a atividade turística passou

a ser significativa em decorrência dos processos de industrialização e modernização, que vêm ocorrendo pelo mundo nos últimos séculos.

o turismo configura fenômeno da sociedade moderna, urbano-industrial. Desenvolveu-se consideravelmente na segunda metade do século XX, período em que, sobretudo nas economias mais industrializadas, a mobilidade sobre longas distâncias foi ampliada, o tempo do trabalho foi reduzido e houve a implementação gradativa, porém irrevogável, de uma efetiva indústria do lazer. (LINS, 1995, p. 1)

O turismo passou a influir na produção de uma realidade socioespacial, em especial o caso do espaço urbano do balneário Itapema - SC, e toda a região da Rota do Sol passou a apresentar a atividade turística como ponto forte da economia. O turismo desenvolvido é do tipo sazonal e massivo, fazendo com que os balneários tenham dois cotidianos: o verão movimentado e o inverno pacato. Neste sentido, o espaço urbano é produzido para duas realidades.

O fator "turismo" influencia no espaço urbano e atinge os principais agentes produtores do espaço em análise: os promotores imobiliários, os construtores civis e o Estado.

Mais recentemente (1998, 1999, 2000), a duplicação da BR 101 por um lado, e de outro lado o relativo esgotamento de espaços associados à crise na construção civil brasileira e catarinense (Balneário Camboriú), vem acelerando a urbanização de Itapema. Novos bairros surgem e intensifica-se a verticalização em bairros já consolidados, como Meia Praia, Centro e Canto da Praia.

REFERÊNCIAS

- ARRILAGA, J. I. *Introdução ao estudo do turismo*. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- BACAL, S. S. *Pressupostos do comportamento turístico*. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado em Comunicação e Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- BOSSLE, O. P. *A industrialização de Santa Catarina: um estudo de história econômica regional - (1960-1945)*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

- CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- COSTA, R. H. da; MOREIRA, I. *Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- DÍAS, L. C. D. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná E. de. et al. (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.
- FALCÃO, J. A. G. *Turismo internacional no Rio de Janeiro: mecanismo de circulação e transferência de renda*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censos Demográficos*. Rio de Janeiro, 1940-1950-1960-1970-1980 e 1991.
- FURLANETTO, D. A. Indústria. In: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Geografia do Brasil: Região Sul*. Rio de Janeiro: FIBGE, 1985.
- LINS, H. N. Economia política do turismo: apontamentos sobre Santa Catarina. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE*. São Paulo: 1995. p. 87-94.
- LOW-BEER, J. D. Renda da terra: algumas noções básicas para a compreensão do caso urbano. *Espaço e Debates*. São Paulo, n. 8, p. 31-41, jan/abr. 1983.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: DIFEL, 1991.
- OLIVEIRA, A. U. A lógica da especulação imobiliária. In: MOREIRA, R. *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 131-146.
- RABAHY, W. A. *Planejamento do turismo: estudos econômicos e fundamentos econométricos*. São Paulo: Loyola, 1990.
- SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SILVA, C. M. *Ganchos/SC: ascensão e decadência da pequena produção pesqueira*. Florianópolis: FCC/UFSC, 1992.
- SINGER, P. O uso do solo urbano na economia capitalista. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n.57, p. 77-79, dez. 1982.

- SOUZA, M. A. A. *A identidade da metrópole: a verticalização de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1994.
- SPOSITO, M. E. B. Os novos países: industrializados e o domínio tecnológico. In: *ANAIIS DO 5º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFOS*. Curitiba: AGB, 1994. p. 72-78.
- TOPALOV, C. *Ganancias y rentas urbanas*. Madrid: SigloVeintiuno, 1984.